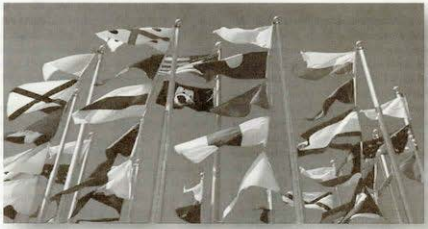
Bons resultados

A contribuição da conta de viagens internacionais para a redução do saldo da conta corrente do balanço de pagamentos brasileiro poderá ser positiva em US$1,5 bilhão.



A conta de viagens internacionais do balanço de pagamentos brasileiro apresentou um saldo negativo de US$241 milhões no primeiro trimestre deste ano — o menor saldo para os três primeiros meses do ano desde 1994. O total da receita é o maior para um primeiro trimestre (US$501 milhões) e o total da despesa corresponde à metade dos gastos efetuados entre janeiro e março de 1998. Corrigido pela estacionalidade e anualizado o resultado do primeiro trimestre, não causará surpresa uma redução expressiva do déficit na conta de turismo internacional do país para algo em torno de US$2 bilhões até o final do ano. Essa redução é expressiva, levando-se em conta os déficits de US$4,2 bilhões em 1998, US$4,4 bilhões em 1997 e US$3,6 bilhões em 1996.

O resultado do trimestre reflete em larga medida o efeito da desvalorização do real sobre os gastos de brasileiros com turismo no exterior, mas se deve também ao crescimento da receita, o que já vinha ocorrendo antes da desvalorização.

Desempenho recente

O crescimento das despesas internacionais com turismo é fato notório: elas se expandiram a uma taxa superior a 23% ao ano, entre o segundo trimestre de 1994 e o último de 1998. Menos apreciado é o aumento da receita com o turismo receptivo: para o mesmo período, a taxa média anual de crescimento excedeu 11% ao ano, desempenho superior ao da média internacional. Ademais, a taxa de crescimento dessas receitas vem aumentando: considerando-se somente o período 1996-1998, a taxa de crescimento se acelera para 32% ao ano.

O que explica o rápido crescimento da receita de divisas com o turismo relativamente ao crescimento das exportações de bens? O fraco desempenho das exportações brasileiras pode ser explicado por diversas causas, entre elas, a concentração das exportações de bens em produtos cuja demanda cresce muito lentamente no mercado internacional. De fato, dos 40 segmentos exportadores de maior dinamismo no mercado internacional, as exportações brasileiras são expressivas em apenas um, o de aeronaves.

Uma indústria em rápido crescimento

Diferentemente do que ocorre com as exportações de produtos, a indústria do turismo se defronta com demanda internacional em rápida expansão, apresentando taxa de crescimento anual superior a 4,4% ao ano na década. O número de viagens internacionais em 1998 ficou próximo de 625 milhões e o faturamento da indústria totalizou US$445 bilhões — maior que o da indústria farmacêutica e próximo do de segmentos de alto dinamismo, como informática e telecomunicações. A expectativa da Organização Mundial do Turismo (OMT) é que a indústria deverá faturar US$2 trilhões por ano até 2020.

A apreciação da taxa real de câmbio explica parte significativa do crescimento das despesas com turismo internacional: para os brasileiros, durante a vigência do Plano Real, ficou relativamente mais barato viajar ao exterior que dentro do país. O turismo receptivo também sofreu o impacto da sobrevalorização cambial, já que para os estrangeiros o efeito foi inverso: o Brasil se tornou mais caro, comparado a outras destinações. A mudança do regime cambial em janeiro e a desvalorização que se seguiu começam a mudar esse quadro. Tanto as receitas como as despesas são sensíveis à taxa real de câmbio, conforme mostra o gráfico 2.

A taxa de câmbio real é dada pela relação $e = (t \times IPCUS)/IPCBR$, em que e corresponde à média da taxa de câmbio real, t à taxa de câmbio média no trimestre, $IPCUS$ é o índice de custo de vida dos Estados Unidos (tomado como indicador do índice de preços mundial) e $IPCBR$ é o índice do custo de vida brasileiro. O valor dessa relação para o segundo trimestre de 1994 é tomado como base. O saldo da conta de viagens internacionais está também referenciado ao segundo trimestre de 1994.

Conforme mostra o gráfico, o saldo declina à medida que se aprecia a taxa real de câmbio. Após cair mais de 15 pontos percentuais, a taxa de câmbio real inicia

lenta depreciação, que se acentua a partir do início de 1998 e culmina com a rápida desvalorização do primeiro trimestre deste ano. A deterioração do saldo acompanha a taxa de câmbio até o início de 1996 e oscila no novo patamar até o terceiro trimestre do ano passado, quando começa a melhorar pelo efeito da desvalorização em 1998. A rápida reversão no saldo que se segue à desvalorização atesta a sensibilidade e a velocidade de ajustamento da conta de viagens internacionais ao câmbio.

Gráfico 1 - Brasil - Índices de receita e despesa com viagens internacionais

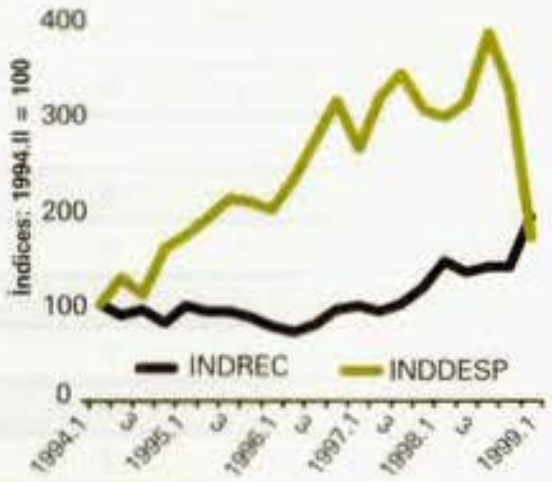
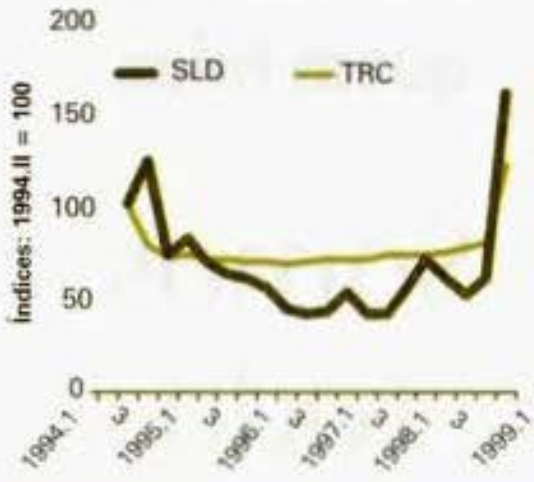


Gráfico 2 - Índices do saldo da conta de viagens internacionais e da taxa de câmbio real



O que esperar daqui para a frente

A rapidez e a amplitude do ajuste da conta de viagens internacionais à mudança da paridade cambial esconde alguns fatos que vale a pena enfatizar. Em primeiro lugar, o ajuste se dá tanto pelo lado da despesa como da receita: o Brasil vem melhorando, desde o início da década, sua posição no *ranking* da destinação mundial do turismo, tanto de lazer como de negócios. De fato, ocupávamos a 53ª posição em 1990, subimos para a 49ª em 1995 e ano passado passamos à 39ª. A mudança do câmbio deve melhorar ainda mais nossa posição em 1999.

Em segundo, a melhor posição no *ranking* não implica grandes motivos para comemoração: ainda estamos atrás, para citar apenas um caso, de nosso vizinho argentino, embora a distância dos principais emissores seja menor no caso do Brasil. Há ainda muito a fazer em termos de infra-estrutura e promoção, para ampliar o espaço do turismo brasileiro no mercado internacional.

Finalmente, a contribuição da conta de viagens internacionais para a redução do saldo da conta corrente do balanço de pagamentos brasileiro poderá ser positiva em US$1,5 bilhão. Nada mal, considerando-se a frustração com o resultado da balança comercial em 1998.

Roberto Fendt
Coordenador de projeto do IBRE/FGV